



OCCIDENTE



REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	600	120
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	600	120
Extrangeiro e India....	5\$000	2\$500	600	120

33.º Anno — XXXIII Volume — N.º 1140

30 de Agosto de 1910

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Monumento ao actor Taborda

Em Abrantes

A estada de El-Rei D. Manoel no Bussaco com demora de muitos dias, e o seu manifestado desejo de voltar a passar ali uma temporada em cada anno, chamam para aquella estancia a attenção de muita gente que até agora parecia não se importar para nada com tão formoso trecho de Portugal.

Os reis pódem muita vez, máu grado seu, não saber fazer politica, mas são sempre aptos para fazer a moda. Se o Senhor D. Manoel tomar a peito o proposito de tornar o Bussaco um ponto certo de villegiatura aristocratica, á semelhança do que seus avós fizeram de Cintra, nada lhe será mais facil. Volte lá para o anno, torne a ir no anno seguinte, e ver-se-ha que enorme pulo de civilisação dará tudo aquillo, quasi que num abrir e fechar de olhos.

Sabe-se o que é o Bussaco. Os seus encantos têm sido celebrados e as suas virtudes gritadas aos quatro ventos por quantos alguma vez penetram nos seus reconditos recessos, beberam das suas fontes, respiraram o ar purissimo que se cõa através dos seus abetos e dos seus cedros seculares, ou deveram á exuberancia da sua vegetação e á miraculosa efficacia das suas aguas a reabilitação do organismo depauperado.

Cantada por poetas, descripta por investigadores pacientes, celebrada em livros e jornaes nacionaes e estrangeiros; por egual amada dos corações romanticos e dos espiritos praticos, das almas mais sonhadoras e dos sabios mais positivos — a matta do Bussaco já não precisa que se lhe encareçam as bellezas, nem que lhe exaltem os attractivos. O que ella precisa, agora, é que lhe aproveitem esses attractivos e essas bellezas.

A este respeito vem a talho de foice a opinião de um jornalista inglês, o Sr. Smith, de Londres, collaborador da *Review of the Reviews*, que foi recentemente nosso hospede, e que delirou pelo Bussaco, onde não se deixou ficar sonhando todo o resto da vida por o chamarem á realidade os seus compromissos e negocios.

A primeira impressão do Sr. Smith ao chegar ao Bussaco foi a de que nunca tinha estado em logar mais propicio para absolutamente nada fazer. Conservar-se sentado, respirar o ar fragrante, olhar com admiração para o scenario, e mais nada. «Acho-me em um sitio de verdadeiro repouso — dizia elle. Não ha cidade nem trafego nas proximidades, nada que perturbe o socego ou vicie a atmosfera. Do cume do monte, immediatamente por detrás do palacio e hotel, desfruto uma vista que se alonga desde o mar a oeste até ás primeiras montanhas de Hespanha, esbatidas no horisonte para leste. Para o sul, Coimbra, a antiga cidade universitaria, e o valle do Mondego; para oeste e norte uma longa cadeia de montanhas cobertas do verde intenso dos pinheiros. São estas florestas que conservam o ar deliciosamente fresco que aqui ha no verão, e quebram a força dos ventos frios no inverno. A extensão das vistas panoramicas é maravilhosa. Contar as montanhas torna-se impossivel; são tantas como as ondas do oceano. E todavia, apesar de serem tantas, não se experimenta a sensação de estar prisioneiro dentro d'ellas, mas, pelo contrario, a de uma liberdade infinita.»

Isto só com respeito ao bem-estar e á paisagem. Com relação á exploração do Bussaco por



PROJETO DO ESCULTOR COSTA MOTA (SOBRINHO)

(De fotografia)

alguma empresa que tome o caso a sério, mas a sério, o Sr. Smith alonga-se em considerações tão carinhosas para nós, como se ellas emanassem da propria Sociedade de Propaganda de Portugal.

«Vejo — escreve o intelligente jornalista — que o primeiro passo para o desenvolvimento da riqueza em Portugal, e em especial das villegiaturas como sua fonte de primeira abundancia, seria o darem os governos as maximas facilidades ás empresas exploradoras. Mas afigura-se-me tambem que os portuguezes pouco ou nada sabem de taes negocios. Deveriam, como os japoneses, receber de braços abertos todos aquelles que se prontificassem a dar-lhes as muito necessarias e uteis lições que precisamos sobre taes assumptos. Isto digo eu a julgar só por o que observo no Bussaco. Se deixam falhar os negocios em consequencia de restrições importunas e contraproducentes, então adeus esperanças de resultados optimos!»

Depois, alludindo incidentalmente ao muito que nós temos para fazer em outros pontos do paiz, outras estações de aguas, de inverno, de banhos de mar, de grandes altitudes para tratamento ao ar livre entre a neve e o sol como em Davos Platz, acrescenta: «Pelo que respeita ao dinheiro preciso, elle appareceria por emprestimos facéis, desde que os individuos que pretendessem pôr-se á testa das empresas provassem a necessaria capacidade e experiencia.»

Dir-se-ha que o Sr. Smith não nos dá nada de novo com as suas aliás judiciosas considerações. Talvez seja assim, mas não é d'isso que se trata. O redactor da *Review of the Reviews* diz-nos o que estamos fartos de ouvir e repetir, mas o que é egualmente certo é que nós insistimos em fazer ouvidos de mercador de cada vez que taes assumptos vêm á baila.

Um errado amor-proprio dá nos ainda hoje a convicção de que não precisamos do estrangeiro senão para o depennar, com a intervenção sempre sollicita do catraeiro, do bagageiro, do hoteleiro, e tantos outros. Isto acontece comnosco num tempo em que todos os outros paizes atrazados, e alguns dos que mais se adeantam, como esse admiravel, surpreendente Japão, ainda ha pouco citado, tratam afanosamente de chamar a si tudo quanto do progresso dos outros possa ser-lhes adaptavel e a aproveitar. Veja-se por exemplo o Brazil, cujo parlamento discute precisamente agora se hão de ser allemães ou francêses os officiaes do exercito a quem se deva entregar a instrucção dos soldados da Republica. Veja-se a Argentina, que está pedindo ás nações superiormente cultas da Europa o favor de lhes darem, pela palavra dos seus mais eminentes homens de saber, a lição da vida intelligente. Todos os dias estamos vendo a noticia de que a França, a Inglaterra, a Alemanha, a Italia, a Hespanha embarcam para Buenos-Ayres os seus grandes mestres. Veja-se finalmente como a propria Inglaterra se preoccupa com os processos que a Alemanha utiliza no seu engrandecimento commercial, incumbindo aos seus homens mais entendidos o estudo de taes processos, e a busca de novas fórmulas sob que lhe seja possivel adaptá-los ás suas proprias condições.

Nós pensamos que o estrangeiro só deve ser attrahido a Portugal pela roleta, pela paisagem e pelas graças do Sr. Mendonça e Costa. Depois de o apanharmos cá, o resto é com quem melhor pôde inventar o que se lhe ha de fazer para que elle cá não volte.

Póde-se dizer que só ha um estrangeiro que nós acceitamos de bom grado, a quem abrimos fraternalmente os braços, com quem nos identificamos de alma e coração, por quem temos, em summa, um verdadeiro fatacaz. Esse estrangeiro é o gallego. Mas ainda assim, é preciso que elle se nos proporcione sob a fórma do moço de fretes ou do cozinheiro de casa de pasto. Assim, sim.

E verdaç: seja: ninguem mais competente nos poderia dizer como se faz uma mudança a pau e corda, ou se tempera um mólho á hespanhola; o que, tanto uma como outra coisa, ainda tem que se lhe diga!

JOÃO PAUDENCIO.



Monumento ao actor Tabora em Abrantes

A briosa e historica villa de Abrantes assinalada por tantos feitos de bravura de seus habitantes, que por elles lhe deu foral com grandes

privilegios, D. Affonso Henriques, em 1179. A valente defensora da terra portugueza, que sustentou incarnizada luta durante seis mezes, (outubro de 1810 a março de 1811) em que as tropas de Massena lhe pozeram cerco, vencendo por fim heroicamente o inimigo que fugiu para Espanha, veiu agora juntar mais um brazão que a enobrece e bem a pôde orgulhar, levantando um monumento, ainda que modesto, á memoria de um dos seus mais gloriosos filhos, Francisco Alves da Silva Tabora, o genial actor, que ali nasceu a 8 de janeiro de 1824.

Com prazer registamos este facto, que não é seguramente dos que menos illustram, a nobre villa, que assim rende justo preito áquelle grande actor em que não sabemos que mais admirar se o seu genial talento de artista, se as suas raras qualidades de homem de character, bom na verdadeira e pura acepção desta palavra.

Ainda bem que os briosos abrantinos não esqueceram o seu conterraneo, que tanto os honrou, que tanto honrou a arte, que tanto honrou a patria portugueza. Ainda bem que se adeantaram a prestar homenagem ao maior actor portuguez, que em Lisboa, onde foi o principal teatro de suas glorias, ainda espera essa homenagem.

Não admira que nesta pequena Babilonia, onde as atenções se repartem e se distraem para tanta cousa, o velhinho Tabora, como a actual geração o conheceu, corra o risco do esquecimento, se aquelles que ainda o apreciaram no apogeu da sua gloria, não acudirem a perpetuarem-lhe a memoria no bronze de um busto, que mais não possa ser, num recanto da cidade, ocorrendo nos indicar o largo da Abegoaria, por ser o mais proximo do teatro do Gimnasio, que foi o palco em que elle se estreiou e que elle mais amou.

O monumento agora erigido, é num jardim em frente do teatro de Abrantes que tem o nome de Tabora. Foi bem escolhido o local.

Aquelle teatro pertence a uma sociedade presidida pelo sr. dr. Francisco Solano de Abreu, o qual convocou a assembleia geral para deliberar sobre a melhor maneira de perpetuar em Abrantes a memoria do notavel filho daquela villa.

Essa assembleia reuniu em 21 de março de 1909 e elegeu uma grande comissão composta dos srs. coronel Luiz Guedes, João Vieira Tavares, dr. Francisco Eduardo Solano de Abreu, Raymundo José Soares Mendes, Antonio Augusto Salgueiro, Aurelio Neto, João de Oliveira Martins, Manuel Caetano da Silva, José Mendes Ribeiro, João Marques Pinto, Abel Hipolito, dr. Alberto Campos Mello, dr. Antonio Apolinario F. da Silva Oleiro, Antonio Farinha Pereira, Francisco Egydio Salgueiro, Manuel de Oliveira Neto, Dr. Ramiro Guedes e Izidro de Jesus Baptista.

Esta grande comissão elegeu por sua vez a comissão executivo composta de cinco membros, srs. dr. Solano de Abreu, Abel Hipolito, Aurelio Neto, João Pinto e Antonio A. Salgueiro, tesoureiro.

Abriu-se a subscrição que recolheu alguns donativos importantes como foi o de Sua Magestade El Rei D. Manuel e Rainha Senhora D. Amelia que subscreveram com 50\$000 réis o primeiro e 40\$000 réis a segunda, do sr. Cazimiro José de Lima 50\$000 réis, do sr. dr. Solano de Abreu 20\$000 réis, da sr.^a condessa de Alferrade 20\$000 réis assim como do sr. Vicente Themudo, etc. Além disto tem-se realizado recitas no teatro Tabora em beneficio da subscrição, e feito venda de productos agricolas dos socios do Sindicato, conseguindo se elevar os fundos a uns 600\$000 réis.

A mesma comissão tratou com o habil escultor sr. Costa Mota (Sobrinho) o fazer o monumento, do qual apresentou o projeto, que foi aprovado, firmando-se o contrato em 26 de janeiro deste anno, devendo custar o monumento 850\$000 réis, além do cabouco e sua colocação.

O monumento, como se vê pela gravura que publicamos, é bastante elegante na sua simplicidade, sendo a columna e attributos em marmore e o busto em bronze. E' bem composta a base, e o busto bem modelado dando a expressão real do grande actor, no ultimo quartel da vida, com toda a amoravel simpatia que seu rosto desparava.

Na base e frente do monumento lê se a seguinte inscrição:

AO ACTOR TABORDA
NASCEU MODESTO ABRANTINO
MORREU GLORIOSO FILHO DE PORTUGAL.

Na parte anterior:

ERIGIDO POR SUBSCRIÇÃO PUBLICA EM 1910

Embaixada aleman a Portugal

No dia 23 do corrente chegou a Lisboa S. A. o Principe Frederico Leopoldo da Prussia, portador das insignias da Aguia Negra, com que S. M. Imperial Guilherme II agraciou a El-Rei de Portugal D. Manuel II.

Sua Alteza chegou no *Sud Express* ás 11 horas da noite, á estação Central do Rocio, onde era esperado por Sua Magestade El-Rei D. Manuel e por Sua Alteza o Principe D. Affonso, ministro, alguns ministros de Estado honorarios, governador civil, casa militar de El-Rei, ministro da Alemanha, etc. A guarda de honra era feita pelo batalhão de caçadores 5.

Feitos os cumprimentos e apresentações, S. A. o Principe Frederico Leopoldo seguiu com a sua comitiva, em carruagens da casa real, seguidas de um esquadrão de cavalaria, para o palacio de Belem, onde ficou hospedado.

Sua Alteza o Principe da Prussia, Joaquim Carlos Guilherme Frederico Leopoldo, é filho do Principe Frederico Carlos Nicolau e Duquesa Maria Anna. Nasceu em Berlim a 14 de novembro de 1865 e casou em 24 de junho de 1889 com a Duquesa Féodora Luisa Sophia Adelaide Henriqueta Amelia. E' primo do Imperador Guilherme.

Acompanham o imperial embaixador cinco officiaes em que se inclue o coronel Hetzel, comandante do regimento 115.

Esta embaixada de Sua Magestade Imperial Guilherme II, mostra não só a alta consideração do Imperador da Alemanha pelo Rei de Portugal, mas ainda quanto são cordiaes as relações entre os dois paizes, o que é muito de apreciar.

Na recepção solemne da embaixada realisada no paço da Ajuda, no dia 24, foi observado todo o ceremonial da córte e do protocolo, com todo o luzimento das grandes solemnidades, comparecendo o ministerio, o Nuncio de Sua Santidade, o Patriarca de Lisboa, grandes do reino, ministros de Estado honorarios e toda a casa militar e civil de El-Rei.

Pelas 2 horas chegou Sua Alteza o Principe Frederico Leopoldo com sua comitiva, ouvindo-se no largo da Ajuda tocar o himno alemão a banda do regimento que fazia a guarda de honra. As carruagens foram chegando, após o esquadrão de cavalaria que as precedia; na primeira vem dois officiaes da comitiva com o sr. tenente Costa Veiga; na segunda vem um titular e um medico que formam parte da embaixada, o primeiro traz sobre os joelhos uma almofada de veludo com as armas imperiaes bordadas a ouro e nella descança as insignias da Aguia Negra, um martelinho de ouro e uma carta lacrada autografa do Imperador para El-Rei; acompanha-os o sr. coronel Antonio Costa. Na terceira e ultima carruagem vem Sua Alteza o Principe Embaixador, com sua farda de oficial e a banda das duas ordens. Acompanha-o o ministro da Alemanha, barão de Bodman.

Esta carruagem é acompanhada á estribeira pelos srs. capitão Ferreira da Silva e tenente Ribeiro de Menezes. Um outro esquadrão de cavalaria fecha o cortejo.

Sua Alteza é recebido á entrada por Sua Magestade El-Rei e Sua Alteza o Principe Real. Trocam-se os cumprimentos e forma-se o cortejo que se dirige para a grande sala do trono, por entre as alas de archeiros com suas fardas matizadas e alabardas reluzentes.

Grandioso, soberbo espectáculo que naquelle momento se apresenta aos olhos.

El-Rei sóbe ao trono e o Embaixador, fazendo uma venia, aproxima-se. Lê a mensagem de que é portador e por fim tira de sobre a almofada as insignias da Aguia Negra e coloca-as no peito do soberano, fazendo menção de as pregar com o martelinho de ouro.

O monarca portuguez lê, então, o discurso em que agradece a honra que Sua Magestade o Imperador da Alemanha e Rei da Prussia lhe confere e que tanto o desvaneca a Elle como á nação de que é chefe, vindo a estreitar mais a amizade dos dois povos, terminando por fazer votos por toda a familia imperial aleman e prosperidade de seus Estados.

Às nove horas da noite foi o banquete de gala no paço das Necessidades, de 61 convivas, havendo os brindes do estilo.

A ordem da Aguia Negra é das mais antigas do velho reino da Prussia. Foi fundada em 18 de janeiro de 1701 por Frederico, Eleitor da Prussia, para perpetuar a memoria da sua coroação de Rei realisada na vespera. A insignia é formada por uma cruz sobre uma larga fita côr de la-

Embaixada aleman a Portugal



S. A. o PRINCFE FREDERICO LEOPOLDO, DIRIGINDO-SE EM CARRUAGEM PARA O PAÇO DA AJUDA — CHEGADA AO PAÇO DA AJUDA

ranja assente em uma placa de prata, tendo por divisa *Suum cuique*. Esta condecoração só é conferida aos príncipes de sangue e a grandes individualidades nacionaes e estrangeiras. Tem só um grau limitado a trinta cavaleiros.

Sua Alteza o Príncipe Frederico Leopoldo, visitou no dia 25 as Rainhas Senhora D. Amelia e Senhora D. Maria Pia em Cintra, almoçando na Pena com El-Rei.

Tambem visitou no dia 26 o Panteon Real de S. Vicente e colocou corôas nos sarcofagos de El-Rei D. Carlos e do Príncipe D. Luis Filipe. Depois visitou o Museu de Artilharia e os regimentos de cavalaria 2 e 4.

A' noite, Sua Alteza ofereceu um jantar a El-Rei, no paço de Belem.

Sua Alteza retirou-se no *Sud-Express* do dia 27, sendo feitas afetuosas despedidas e mostrando-se muito satisfeito e agradado de Lisboa e sobretudo da encantadora Cintra.

sobem as suas alyas espiraes, evolvendo-se do nobre thuribulo de uma consciencia grata e perdendo-se nas purissimas regiões dos espiritos grandes e immaculados.

Abençoadas expansões!

Santas iniciativas que, tanto, vibram as mais intimas fibras do coração e que nos fazem desviar os cançados olhares deste mundo de atroz materialidade para essas estancias consoladoras, onde a alma se retempera como extenuado caravaneiro em oasis delectosa.

Desde 1907, que atravessamos um periodo extremamente honroso para a nação portugueza — celebramos o centenario da *Guerra Peninsular*.

De facto, uma das paginas mais sugestivas da historia patria, é a que se refere a essas luctas titanicas contra os marechae do maior general dos tempos modernos, em que o elemento popular levantando-se, em santo amor patriótico, contra as pretensões napoleonicas, deu a conhecer e de modo bem cruel, a esse conquistador insaciavel, que se não dispõe impunemente da liberdade e autonomia de uma nação, embora pequena, mas com oito seculos de gloriosa historia, com largo periodo de rijas provas de civismo, tantas vezes enaltecido na poesia inspirada, na historia inflexivel, na tela que enthusiasma, ou na pedra que eternamente perpetua.

Lá está, lá se ostenta nos plainos do Bussaco, esse obelisco encimado por uma estrella de gloria, monumento modesto, sim, mas eloquentissimo de altos feitos, padrão de justificado orgulho de uma raça de bravos.

A solemnisção do 1.º centenario da *Guerra Peninsular* impõe-se; é uma obrigação de santo patriotismo.

Assim como a religião tem as suas solemnidades a que todo o crente deve dar brilho e realce, honrar com as suas manifestações de fé, assim o civismo, religião não menos augusta, tem as suas datas queridas, significativas de fidalga vitalidade nacional, que precisa e deve pôr em evidencia, para retemperar forças abatidas e galvanisar o organismo colectivo da nação, para que se não supponha que desfallece quem, fortes e poderosos elementos, tem, de vitalidade.

O maior e o mais ambicioso general dos tempos modernos, coroado, por mercê do destino, imperador da França, Napoleão Bonaparte, depois de pôr em cheque a Europa inteira, retalhando, com a sua espada singularissima, monarchias poderosas, entendeu que devia lançar, á nossa península, a sua garra potente e, para inicio de operações, impôs-nos o *bloqueo continental* em que fechavamos os nossos portos á Inglaterra, nossa secular aliada.

Não contente com esta violencia e allegando que não cumpríamos as suas ordens soberanas, assignou com a Hespanha o celebre tratado de Fontainebleau, pelo qual se dividia o nosso paiz em três estados: um, pertenceria ao primeiro ministro hespanhol, príncipe da Paz; outro, ao

rei da Etruria e, finalmente, o terceiro, ficaria á disposição da França, até a paz geral.

Para realizar este tratado, mandou, Napoleão, um exercito a Portugal commandado por Junot que, sem a menor resistencia, entrou em Lisboa em 30 de novembro de 1807.

Na vespera, tinha fugido vergonhosamente para o Brazil, o príncipe regente, D. João, sob a protecção de uma esquadra inglesa. Portugal ficou entregue aos cuidados de uma regencia presidida pelo marquez de Abrantes, sem attribuições definidas, dirigida pelas ordens do Rio de Janeiro, enviadas por esse príncipe cobarde e anti-político, que tão ridiculamente nos abandonara em tão angustiosa situação.

Junot, entretanto, dispunha da pobre Lisboa, á sua vontade e, com o mais revoltante cynismo, mandava afixar, nas ruas e praças, uma proclamação em que prometia, aos portuguezes, amizade e protecção!...

E' curiosa e réza assim:

«Habitantes de Lisboa!»

«O meu exercito vae entrar na vossa cidade. Eu vinha salvar o vosso porto e o vosso príncipe da influencia maligna da Inglaterra. Mas este príncipe, aliás respeitavel pelas suas virtudes deixou-se arrastar pelos conselheiros pérfidos, de que era cercado, para ser, por elles, entregue aos seus inimigos; atreveram-se a assustar-lo quanto á sua segurança pessoal; os seus vassallos não foram tidos em conta alguma e os vossos interesses foram sacrificados á cobardia de uns poucos de cortezãos.»

«Moradores de Lisboa! vivei socegados em vossas casas; não receeis cousa alguma do meu exercito nem de mim: os vossos inimigos sómente devem temer-nos.»

«O grande Napoleão, meu amo, mandou-me para vos proteger, eu vos protegerei.»

Felizmente, o povo não acreditou em taes promessas (*à francesa*) e inflamado no mais ardente patriotismo e na mais sympathica rebeldia, ergueu-se indignado no Porto, em 6 de junho de 1808, propagando-se a revolução nas provincias do norte e rebentando, depois, no Algarve.

Junot reprimiu-a cruelmente praticando, os seus subalternos, verdadeiras atrocidades.

O general inglês Arthur Wellesley, depois duque de Wellington, aproveitou essa insurreição para combater as tropas francezas, auxiliando os portuguezes, e, desembarcando na bahia de Lavos, alcançou as victorias de Roliça e Vimeiro, coroadas pela convenção de Cintra em que o exercito napoleonico teve que evacuar o reino.

A Hespanha, que Napoleão preparava para della fazer presente a seu irmão José, tambem se insurgiu valentemente contra os francezes e, em movimentos felizes, conseguiu dominar-lhes as ambições.

Todavia, o grande e poderoso dictador da Europa não se dava por vencido e, em 1809, entra,

CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

De 1907 a 1910

São, os centenarios, manifestações de agradecimento e de apreço em honra de vultos e de successos que, pela sua benemerencia e magnitude, se tornam dignos dessas singulares homenagens.

Representam, essas festas civicas, sentimentos de justiça, apanagio das sociedades verdadeiramente cultas.

Com o progresso natural do espirito humano, essas commemorações são indiscutíveis deveres a que todo o homem de cerebro e de coração não póde eximir-se, fazendo, até, se preciso fór, sacrificios para honrar condignamente o que lhe é exemplo e lei, modelo de raros merecimentos ou revelações de altissimos ideaes.

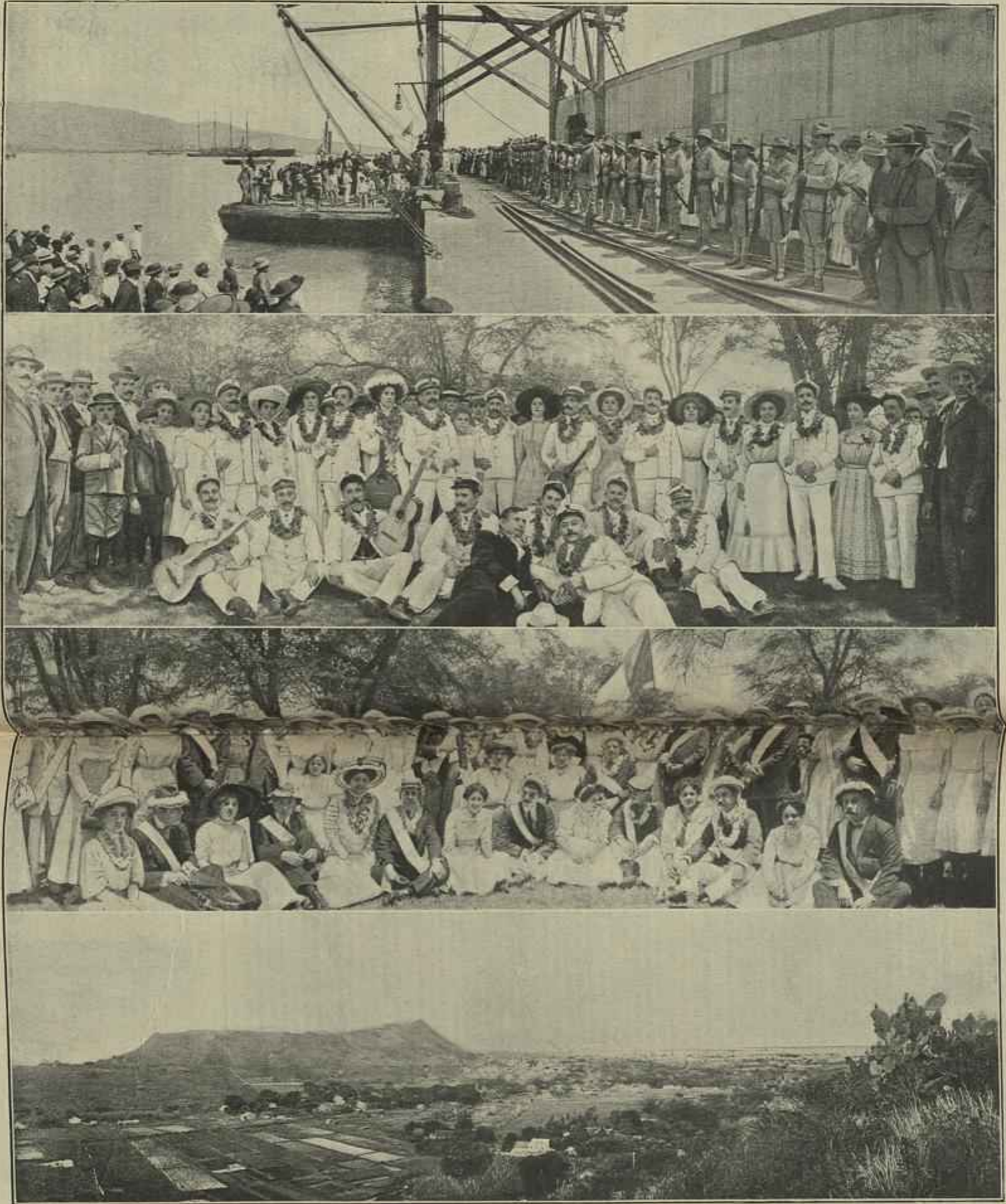
Outr'ora, desprezavam-se, em vida e esqueciam-se, depois da morte, figuras de notavel superioridade, como se encaravam, com lastimavel indiferença, factos de nobre significação moral, e, não poucas vezes, uma palavra de avariada critica ou um sorriso de alvar desdem era a moeda com que se pagava o mais alto serviço.

Hoje, graças a intelligente comprehender e a nobre sentir, realisam-se festas mais ou menos imponentes, verdadeiras apotheoses, em que todas as classes sociaes, desde o modesto operario ao douto academico, do simples plebeu ao nobre fidalgo, do vassallo ao rei, procuram pagar gostosa e entusiasticamente uma divida sagrada, mil vezes sagrada.

Os incensos, ultimamente, queimados pela nação portugueza, em honra de um dos seus filhos mais dilectos e prestantes, falam alto, como alto

A viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

Sua visita à colonia portugueza em Honolulu



DESEMBARQUE DOS MARINHEIROS DO «S. GABRIEL» EM HONOLULU — O «PIC-NIC» NA ILHA DE MAUI — VISTA DA CIDADE DE HONOLULU

O S. GABRIEL na viagem que fez agora de circumnavegação visitou, entre outros portos, o de Honolulu onde vive uma importante colonia portugueza.

E' facil calcular o alvoroço, a alegria com que ali foi recebida a visita de um navio de guerra portuguez, içada no tope de seus mastros a bandeira das quinas, tremulando nos ventos, como que a saudar aquelles filhos de Portugal que ali vivem lutando com o trabalho e com as mudades da terra em que nasceram. A patria não os esqueceu e as visitas de tantos milhares de portuguezes poderam por alguns dias fixarem-se na sua bandeira, como numa visão da patria querida que tantas vezes lhes terá povoado seus sonhos.

Honolulu é uma cidade das ilhas do Hawaii, pertencente aos Estados Unidos da America do Norte. A cidade é plana no meio de uma floresta de arvores tropicaes, vivendo sob um clima muito egual e temperado, mas excessivamente humido no inverno. O seu porto forma uma magnifica entrada e é hoje ponto de escala de alguns transatlanticos que fazem carreiras entre o Oriente e a America do Norte, alimentando importante comercio dos produtos naturais da ilha, principalmente o acaçar, café e madeiras.

Foi para esta terra que desde a alguns annos tem havido uma corrente de imigração de portuguezes dos Açores, que ali se vão entregar aos mais rudes e arduos trabalhos dos campos e que a custo lhes compensam seus esforços. Entretanto com a tenacidade que distingue os portuguezes fora da mãe patria, alguns tem conseguido estabelecer-se melhor e a colonia tem progredido em cerca de 25.000 portuguezes, com duas associações de socorro mutuo, a Lusitana e a de Santo Antonio, e um jornal em portuguez para defesa dos interesses da colonia.

A presença do cruzador S. GABRIEL, no porto de Honolulu, despertou o maior entusiasmo na colonia portugueza, que logo tratou de preparar recepção festiva aos seus compatriotas, organizando para esse fim uma comissão sob a presidencia de um dos membros mais considerados da colonia, o sr. A. D. Castro. De facto a recepção não podia ser mais carinhosa, pois os nossos gloriosos marinheiros foram acolhidos com ruidosas festas em toda a cidade. Ao desembarque esperava-os no caes, além de numerosos membros da colonia, a guarda nacional que lhes fez a continencia do estilo. Entrados na cidade, por toda a parte eram saudados com sincero entusiasmo, e, enquanto a officialidade era convidada para varios banquetes, a população colonial contrahia com os marinheiros, proporcionando-lhes alegres diversões. Um dos mais interessantes passeios foi ao vulcão Kilawa, o qual estava em laboração, apresentando um espectáculo surpreendente para os marinheiros portuguezes. Membros do commercio, senhoras da colonia e até os mais humildes trabalhadores todos acompanharam os visitantes aquella diversão.

Outro passeio foi a ilha de Maui, em Vellej, onde houve um «pic-nic», promovido pelas senhoras da colonia e que encantou os nossos marinheiros. As senhoras teceram grandes colares de flores naturais com que enfeitaram os officios e marinheiros do S. GABRIEL; homens e senhoras todos empunhavam bandeirinhas portuguezas, que tinham seu altar em cada coração, e ao som de bandolins e violas se cantaram canções de Portugal, que por momentos transportaram aquellas almas ao ceo da mãe patria.

Não foi sem profundas saudades que todos ao fim se afastaram, levando cada qual suas recordações queridas do muito carinho que ali os acolheu, deixando os nossos irmãos na faina dos seus trabalhos com que vão grangeando a vida. Como lhes deveria retemperar o animo dos laboriosos filhos de Portugal a visita de um navio de guerra portuguez, facto de que não ha memoria naquella colonia!

Pois que essas visitas se succedam para honra desta nação e de seus filhos que por esse mundo formam colonias já tão importantes como a de Honolulu.

no Porto, o marechal Soult, duque de Dalmacia, commandando a segunda invasão.

Instruidas as nossas tropas pelo general inglês Beresford e poderosamente auxiliadas pela Gran-Bretanha, inlignimos nova derrota nos francezes, obrigando Soult á retirada.

Em 1810, dá-se, enfim, a terceira e ultima invasão, a mais terrivel, ás ordens de Massena, que tinha recebido recommendação terminante de conquistar o nosso paiz. Este marechal, depois de tomar a praça de Almeida, marcha sobre Lisboa, atacando o exercito alliado anglo-luso, commandado por lord Wellington, nas alturas do Bussaco.

Apesar de repellido com grandes perdas, não desiste do seu proposito de chegar á capital, mas nada consegue, em vista da séria resistencia que encontrou nas celebres linhas de Torres Vedras, baluarte formidavel secretamente preparado pelo sagaz Wellington.

Massena continúa nos seus desastres e levado nas pontas das nossas bayonetas até Tolosa, sae deste glorioso paiz, levando, ao seu amo, uma derrota completa e um desengano formal.

Mais uma vez, este punhado de bravos lusitanos soube dar cruel lição a estrangeiros ambiciosos e mostrar ao mundo que, onde outros succumbem, elle triumphava.

Quem diria, a esse Napoleão orgulhoso, que a minuscula nação de Affonso Henriques lhe deveria empannar os seus brilhos de gloria, reduzindo-lhe, a pó, projectos activos, ambições insoffridas?!

Elle, diante de quem a Europa tremeu, coroadado com os louros de batalhas gloriosissimas, vencido, varrido destes dois palmos de terra, do Minho ao Guadiana, nas pessoas de três dos seus melhores marechaes!...

E' realmente duro, durissimo!

E no occaso da sua gloria, nesses penhascos de Santa Helena, nas garras desse Hudson Lowe, seu carcereiro agalado de general, quantas vezes, a esse homem extraordinario, lhe não passaria pelo espirito attribuladissimo, como mancha num sol de eternos fulgôres, a recordação dos grandes desastres na Lusitania?!

DAMASCENO NUNES.

Digressão pelo oeste do Algarve

SUMMARY: Partida para o Algarve. — A grandiosidade da paisagem alentejana. — A maior vinha do mundo. — Evora, museu de architectura. — Sobreiros semelhante supliciados. — Trigaes e mais trigaes. — Eiras alentejanas. — A torre de Beja. — Perde-se um par de lvas. — Estações de lá vem um. — Salve, Ourique! — Viver feliz e independente. — A alterosa cadeia do Monchique. — Semelhanças com a passagem da região pyrenaica. — A Foia ao longe n'um «pôr do sol». — Estevas, nenúphares e cevadilhas floridas. — Enfim no Algarve.

«Senhores passageiros, o comboio vaie partir para o Alentejo e Algarve!» assim nos gritava o pregoeiro da estação de Pinhal Novo, por uma linda manhã do passado mez de julho.

La tornar a transitar pelas terras transtagânas e de novo pela região do oeste algarvio, visto que o nosso fito era atingir Lagos, aonde o serviço official de examinador nos mandava.

Emquanto o comboio se vaie afastando da alterosa Palmella, que se recorta á distancia, com o seu interessante castelo, nós que temos percorrido grande parte do paiz, vamos notando, com os nossos botões, quanto Portugal apesar de pequeno no mappa europeu, é bastante variado de aspectos paysagistas, podendo-se afirmar, que cada provincia tem seu cunho especial, umas ridentes, outras mais agrestes, mas sempre variadas; assim é corrente todos citarem a monotonia da terra alentejana, e a formosura da do Algarve.

Encontro certa injustiça porém quanto ao Alentejo, que na parte norte principalmente para a serra de S. Mamede, proximo a Portalegre, é bastante pittoresca; na parte central e sul são realmente repetidos e interminaveis os aspectos, despreendendo-se d'elles porém, um caracter de grandiosidade, no sentido da vastidão horisontal, que pouco vejo encarecido; as terras a enormes distancias, que se avistam de qualquer sitio um douco mais elevado, esfumam-se sempre n'um

delicado azulado, ou arroxeadado, conforme a hora do dia, lembrando o mar.

Estas considerações occorriam-me enquanto o comboio filava atravez da vastidão dos terrenos entremeados de vastas culturas e de charnecas; estas seguindo pela nossa direita, enquanto pela esquerda decorriam kilometros de uma vinha interminavel, entremeada de infinitos sobreirinhos (chapárros), plantados em *quiconce*, isto é, estabelecendo alinhamentos em todas as direcções dos lados e diagonaes do quadrado.

Essa plantação gigantesca era a maior vinha do mundo, ao Poceirão, e foi estabelecida pelo arrojo do prócere e seu proprietario José Maria dos Santos; é devido á colossal vinha, que o povo operario da capital bebe agora vinho de *u.v.r.* barato, em vez do vinho de *marcello*, arranjado nos armazens do Poço do Bispo, uma especie de vinho para *preto*, imbebível.

No entroncamento da Casa Branca, vem juntarem-se tres comboios, o nosso, o de volta ao Barreiro e o de Evora; temos agora occasião de admirar as magnificas e poderosas locomotivas, que os rebocam, todas do mesmo typo, formadas por enormes caldeiras horisontaes de secção elliptica, com curtas chaminés, tendo montados os *chassis* sobre cinco pares de rodas, semelhando o conjunto formidaveis insectos sobrenaturaes; todas ellas com os seus numerosos metaes de manobra reluzentes, tendo os cabeçotes destacados a vermilhão da China.

Retinem os toques de partida para o comboio de Evora e prepassam-me pela memória os seus notabilissimos monumentos architectonicos, demonstrativos da sua antiguidade historica.

Como que revejo na imaginação as bellas ruinas do templo de Diána, a joia clássica da península; os vetustos altos arcos do aqueducto de Sertório; a curiosa capela românica de S. Braz, com os seus arcos, botaréis e amelas; a magestosa e caracteristica Sé ogival; a ornamentada fachada manuelina da igreja de S. Francisco; e a barôca frontaria do quartel da Graça; só o seculo XIX não ficou allí vinculado com mais um monumento duradouro, que poderia muito bem ter sido, em cidade tão rica, o moderno theatro, aliás interessante internamente, dizem-nos, mas cujo exterior é da maior banalidade.

A imaginação ainda nos sugere Extremoz, com a sua bella e elegante torre de menagem, toda de marmore, tendo cingida a alegre villa, por um cinto de muralhas, e Villa Viçosa com a sua enorme tapada e os amplos paços brigantinos. A vista é nos distrahida porém agora para uns cêrros, que se prolongam ao longe, sobre os quaes se ostenta Alvito, com o seu palacio acastelado de D. João II, que um famoso artista veneziano, o Sansovino, expressamente contractado pelo nosso grande rei, veiu aformosear com os seus delicadissimos *gotescos*.

De vez em quando a linha vaie atravessando sobreirões, outras vezes vêm-se os vastos montados d'estas productivas arvores á distancia, cobrindo enormes espaços de terreno; temos occasião de ver agora bem de perto, aquellas grandes arvores de folha meudinha, em toda a sua pujança, grande parte já com a cortiça tirada em secções, ao longo do annoso tronco e dos divergentes galhos; a vista do tratamento d'estas magnificas arvores, assim de perto, lembram-me penosamente, desgraçados viventes a quem cortas-

sem pedaços de pelle em volta do busto e dos braços e que amarrados, ficassem para allí a gritar com dôres; as arvores afiguram-se-me tambem pedir soccorro, com os seus galhos avermelhados levantados em varias direcções e recordam-me o suplicio das *arvores humanas*, que o Dante descreve n'um dos circulos do seu terrificante *Inferno*.

Como é sabido porém, a cortiça é um dos grandes valores alentejanos, havendo casas enriquecidas só com o producto dos cortes *systematicos* annuaes nos seus diversos montados; n'essas grandes mattas, o carvalho e a azinheira tambem fazem numero entre os arvorêdos e o pôrco sagaz, que ás centenas por lá pastam, sabe muito bem depois de farto de bolôta, ir occultando no terreno a apeteçida glande, que lhe hade servir para a comida mais tarde.

Os trigos já ceifados cada vez se avistam mais espalhados pelos longinquos campos e tanto quanto o nosso binóculo póde alcançar, divisam-se por sitios os feixes postos a secar, em quanto por outros pontos, são já os feixes salmejados para pequenos carros com rodas de raios, tendo fueiros em volta, que uma parrelha de gordas muars pucham, conduzidas pelo alentejado alentejano de grosso chapeu de grandes abas, que lhe sombreia todo o busto.

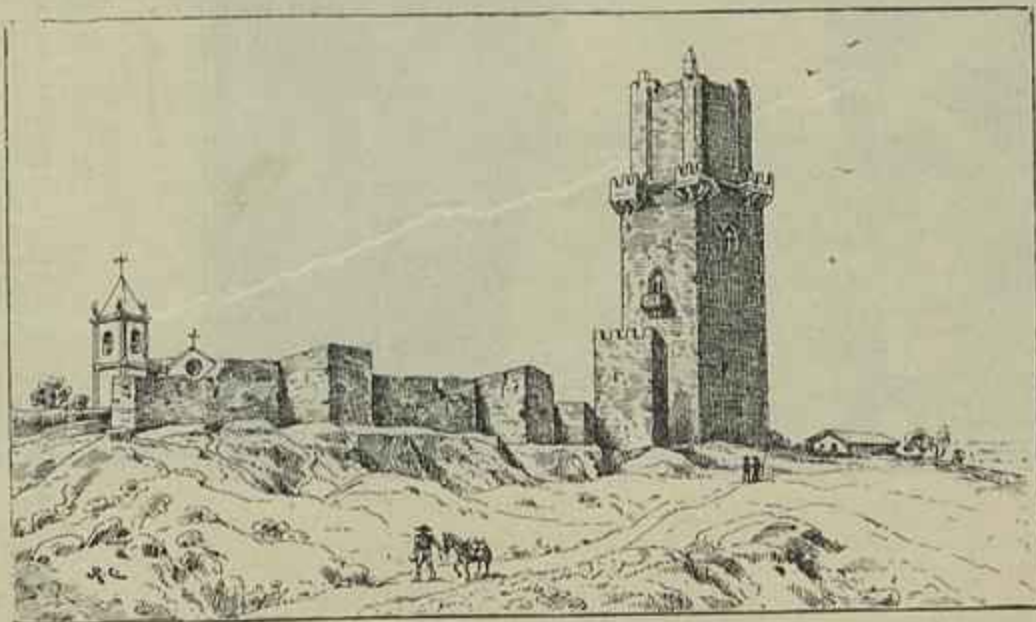
Proximo aos montes (cazaes) e dos raros povoados que da linha se avistam, as ciras estão em plena actividade, grandes médas do precioso cereal tendo bandeirinhas a tremularem no alto, para se diferenciarem os seus varios donos, esperam a vez da debulha; ás vezes quatro, seis e mais eiras se vêm a seguir umas ás outras, em cada uma d'ellas são tambem duas muars, as que pucham o trilho, que vaie cortando a palha e sobre o estrado d'elle, n'uma cadeira feita com troncos, ou ferragens, vaie sentado o lavrador conduzindo ás voltas e aos *xs*, com toda a comodidade, a sua archaica alfaia agricola.

Grande povoação se ostenta n'um alongado outeiro, tendo como sentinela uma altissima torre; é Beja, que parece vir avançando para nós e bem depressa parâmos na sua proxima *gare*. Tendo nós ainda uma hora de espera, aproveitamos para sahir da estação e dar uma volta pela velha cidade, onde viramos annos antes demolirem-se, com pezar nosso, os paços dos seus antigos duques, para se levantar o pratico estabelecimento de um mercado fechado.

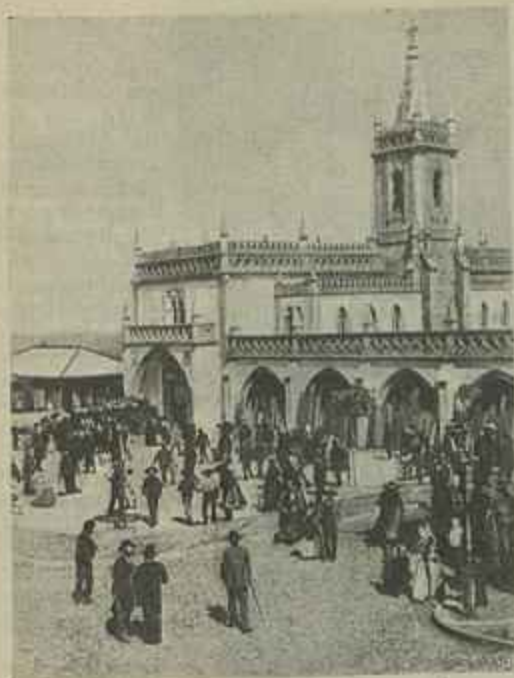
Agora este lá estava completo e aliás bem disposto, e proximo uma igreja, a da Conceição, que fôra bastante ampliada com varios porticos e janellas ogivales, pertencentes aos desaparecidos paços, ficando esta, diga-se, com excellente aspecto monumental.

Viemos depois percorrendo as vetustas muralhas e quadrélas de ainda interessante perspectiva, amesquinhadadas por comparação, com a famosa torre quadrada, a «torre de homenagem», que de tantas leguas se avista; n'aquelles tempos medievaes e da renascença, em que não havia balões captivos, os esculcas vigiavam do alto das grandes torres e de muito longe descobriam a aproximação das tropas inimigas, havendo portanto tempo para o rebate e os defensores guardarem os muros da praça.

A torre de Beja tem varias elegantes janellas góthicas em ogiva, algumas com sacada, e no alto sobre formidaveis cachôrrros suspende-se ex-



A TORRE DE BEJA — Desenho de Ribeiro Christino



EGREJA DA CONCEIÇÃO DE BEJA

teriormente uma varanda, em parte já desaparecida; ainda mais acima, aguentado por contrafortes, fica o terrado com o marco geodésico, a vista de ali descobre, em dias claros, asseverarmos, as serras de Monchique e de Palmela, bem como outros pontos longínquos da provincia.

Tinham-nos avisado da mudança de carruagem (excellentes, como as viramos em França), e quasi á partida entravamos na *gare*, para aquella que julgámos nos pertencia no trajecto; tinem os signaes e n'esta altura diz-nos um revisor, que estamos enganados, pois é o comboio de Moura aquelle em qua estamos e que vaie partir; apresadamente sobraçamos a bagagem e saltamos já em começo de andamento para o caes, indo instalar-nos de vez no comboio do Algarve, que estacionava paralelo; ali reconhecemos que ficámos quites da atrapalhação, com a perda de um par de luvas, que foram jornadaear até á villa de Moura! e foi barato.

(Continua).

RIBEIRO CHRISTINO.



PELO MUNDO FÓRA

Notas d'um curioso

Malthus, o famoso economista inglês, que descobriu as leis da progressão da humanidade e das subsistencias, que tem servido de pretexto para toda a casta de especulações e aberrações sociaes, devia ter pensado nos multiplos coefficients de correcção para as suas leis, os quaes não são de agora, nem de hontem, pois tem coexistido atravez dos seculos. São elles as *epidemias*, as *endemias* que sempre aterraram o nosso semealhante, que treme de horror ao ouvir falar na cholera, na febre amarella e noutros morbos epidemicos, e que, no entanto, se deixa morrer lenta e suavemente de tuberculose, avariose, rachitismo, typhos, etc., que dizem a humanidade em muitos milhões por anno.

A cholera, cuja etiologia está admiravelmente estudada, não conseguiu restringir-se á India, antes todos os annos estende seus effectos a varios pontos da Europa e da Asia, graças á impossibilidade de pôr em acção os preceitos recommendados pela hygiene e que estão em opposição com os usos commerciaes e com as tradições religiosas dos povos d'esses paizes.

A Rússia foi este anno invadida pela cholera, que, sobretudo no sul tem feito muitas victimas, perto de 90.000, para o que tem contribuido não só a falta de hygiene e o desalento do povo, mas tambem a orientação do governo, que, em vez de cuidar unicamente da extincção da epidemia, deu expansão á lucta entre as seitas religiosas, prohibindo do exercicio os medicos israelitas, sem ter em consideração se haveria quem os substituisse!

A invasão da cholera estendeu-se já á Italia meridional, nomeadamente na Apulia, tendo produzido algumas dezenas de mortes em Trani, Foggia, Bari e Barletta.

Todas as nações occidentaes tem evidenciado tenazes esforços para obstem á irradiação d'aquelle inimigo, que dispõe de multiplicadissimos processos de ataque, a que nem sempre poderemos escapar desde que descuremos os ensinamentos da hygiene e que nos lembremos de Santa Barbara sómente quando ouvirmos os trovões...

Mas não é só o *bacillus virgula*, nem o *gonococcus*, isto é, os *microbios* nas suas varias modalidades, que atacam a *colmeia humana*; temos os accidentes de varias origens que contribuem com um bom quinhão para o equilibrio da população.

Que o diga a cidade do *Tokyo*, a perola do Japão, que soffreu ha dias os effectos d'uma memoravel inundação que arrazou mais de 4.000 casas, produzindo mais de 1.100 victimas.

Que o diga a grande nação norte-americana, que acaba de assistir a um terrivel incendio que lhe invadiu meia duzia de cidades, situadas numa immensissima floresta, que se estende pelos Estados de *Idaho*, *Montana* e *Utah*, ascendendo a centenas o numero das victimas.

De outro grande incendio, que felizmente não causou victimas humanas, foi theatro a formosa cidade de Bruxellas, agora centro de atracção para viajantes e congressistas, que ali affluem para admirar a *Exposição Internacional*.

Na noite de 14 para 15 foi aquella enorme feira pasto das chammas, que destruíram as galerias da Inglaterra e da Belgica, sendo aquella nação a que mais soffreu. A secção inglesa comprehendia em especial uma exposição de mobiliario, que os proprios ingleses consideravam a mais completa e rica que se tem feito no continente. Entre os objectos expostos havia certas peças antigas, cuja perda é irreparavel, taes como as esculpturas de Grinling, Gibbons; um quarto de cama do tempo de Elisabeth, os celebres *panneaux* da época dos Tudor, pertencentes ao *Museu de Toronto*, duas grandes tapeçarias de Morlaix, a famosa tapeçaria de Burne Jones, a *Pasagem de Venus*, pertencente a Morris, um *avador medieval*, com *incrustações de marfim*, de Coleridge Grove, a *collecção de moveis antigos*, de Clarence Wilson, avaliada em 40.000\$000 de réis. As colleções particulares estavam avaliadas em mais de 300 contos.

A *ménagerie* foi totalmente reduzida a cinzas, com exclusão dos *macacos*, que, por serem inoffensivos, mereceram a consideração de lhes cortarem as prisões, internando se no bosque proximo. Leões, ursos, pantheras, cães, gatos, crocodilos, todas as feras que Noé salvou na sua arca, e que atravessaram tantos seculos de progresso e civilização, que lhes deu as honras de viverem em jaulas legadas pelo famoso Vulcano, viram chegada a sua hora, no meio d'um horripilante *quemadero*, já que não conseguiram quebrar as barras que as separaram do *homo hominis lupus*, armado de carabinas e revolvers para perseguir as feras que tivessem a ventura de arrombar aquellas grades.

Entre outras poderia falar ainda da catastrophe do caminho de ferro em *Saujon*, em que morreram umas 40 pessoas; do abaloamento do vapor hespanhol *Martos* com o allemão *Elsa*, nas alturas de *Tarifa*, em que pereceram 7 homens de equipagem e 32 passageiros, todas hespanhoes; da morte do aviador italiano, o tenente Vivaldi Pasqua, que caiu com o seu biplano entre Magliano e Pontalera, depois de ter realiado magnificas evoluções sobre Roma.

Mais de espaço trataremos do inolvidavel *circuito de leste*, ha pouco realiado em Paris e que marca uma phase notavel na já longa historia da aerostação, cujo papel principal é motivo de orgulho para a França.

Por occasião do segundo centenario do nosso Bartholomeu de Gusmão, cujos trabalhos sobre aerostação constituíram o objecto de preciosas investigações publicadas n'esta revista em 1883 e 1884, fundou-se na capital da França, sob os auspícios e intelligente iniciativa do nobre Visconde de Faria, a *Académie Aeronautique Bartholomeu de Gusmão*, que festejou agora o 201.º anniversario da descoberta da viação aerea, tendo o dr. Magalhães Lima presidido á essa sympathica commemoração, em que proferiu um soberbo discurso de consagração aos martyres da sciencia e do pensamento, uns e outros desvendando os segredos da vida e do universo; reivindicando para Portugal a gloria da descoberta da aviação, disse que os portuguezes não foram apenas senhores do mar, foram tambem os primeiros inventores d'aerostatos. M. Lima identificou *aviadores com livres-pensadores*; aquelles affirmam o seu completo dominio sobre o universo; estes escalam os ceus, para de lá expulsarem os deuses.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.

NECROLOGIA

Conselheiro Augusto Cesar Cau da Costa

Temos hoje que registar nesta secção lutuosa a morte de um venerando ancião, vulto proeminente na politica do seu tempo, e que nos ultimos annos a idade e a doença fizeram retirar da vida ativa para o remanso da familia.

Quem se não lembra do conselheiro Cau da Costa, como popularmente era conhecido, nos tempos do duque de Avila, de Fontes Pereira de Mello, de Rodrigues Sampaio, homem sempre da situação, militando nas fileiras regeneradoras e acceso sempre nas pugnas politicas, sendo a politica a sua paixão dominante.

Pois colheu o a morte, no dia 20, na sua casa em Cintra, ao cabo de 85 annos de idade, tendo dado bem seu contingente de trabalho aos serviços publicos e da politica.

Augusto Cesar Cau da Costa, nasceu em Lisboa a 18 de junho de 1825, filho de Lourenço José Duarte da Costa e D. Maria José Cau.

Principiou a sua carreira publica por administrador do concelho do Barreiro e depois secretario geral dos governos civis de Leiria, Portalegre, Coimbra, Porto e Lisboa, logares que desempenhou sempre com superior criterio.

Já rastejando pelos cincoenta annos é que foi eleito deputado, em 1870 e reeleito em 1871-1874, foi neste anno nomeado par do reino por carta régia de 16 de maio.

No ultimo governo presidido pelo marechal



CONSELHEIRO AUGUSTO CESAR CAU DA COSTA

duque de Saldanha, foi o conselheiro Cau da Costa chamado a desempenhar as funções de governador civil de Lisboa, cargo que voltou a ocupar em 1871 com o governo de Fontes Pereira de Mello.

Nomeado secretario do Tribunal de Contas em 13 de maio de 1875, passou a vogal do Supremo Tribunal Administrativo e depois nomeado presidente deste tribunal, em 1890.

Chegou assim o conselheiro Cau da Costa aos mais altos cargos da magistratura, para o que lhe não faltava competencia e zelo pelos serviços publicos.

Na camara dos pares desempenhou por vezes o lugar de presidente deste corpo legislativo.

Por mais de uma vez foi convidado a fazer parte do governo sob a presidencia do duque de Avila, Fontes Pereira de Mello e de Rodrigues Sampaio, mas sempre declinou o honroso cargo.

Era presidente do Centro Regenerador de Lisboa, escolhido para isso entre os membros mais qualificados deste partido, deixou, porém, a presidencia, desgostoso pela morte de Hintre Ribeiro.

O conselheiro Cau da Costa era gran-cruz da Conceição e de Isabel a Catolica de Espanha e comendador de Carlos III.

Eis, em resumo, as principaes notas biograficas do funcionario superior que dedicou toda a sua vida á causa publica.

A sua illustre familia e particularmente a seu sobrinho o sr. dr. Augusto Cesar Cau da Costa, enviamos nossas sentidas condolencias.

C. A.

Publicações

Contos e Narrativas. — Brito Aranha. — Coleção Antonio Maria Pereira. — Um volume de 215 paginas in 8.^o

N'este volume reuniu o venerando publicista e investigador bibliofilo, alguns escritos seus dispersos em jornaes e revistas, que são outras tantas joias literarias, de aprimorados contos e interessantes narrativas, que assim reunidas melhor se apreciam.

Nas 215 paginas deste livro infleiram-se oito peças literarias diversas que tem os seguintes titulos: *Nos Casebres do Loreto, Só, Bom exemplo, Paulo Veronez e a Santa Inquisição, Em Leiria e em Coimbra, Charlatão, Novidades do seculo XVIII, O estilo e o homem.* São variados os assuntos, e o autor enfeixou os, como ramo de fôres, que elle diz terem desabrochado de sua pena ha mais de trinta annos, mas que nem por isso perderam frescura e belesa, tal a fina essencia do seu aroma e a pureza de tintas das suas côres.

Assim devia ser; nas paginas deste livro de *Contos e Narrativas*, encontram-se algumas que são tambem recordações de homens que pertencem á historia deste país, na politica e nas letras como nas artes. Fala nos do Visconde de Milicio, o infatigavel jornalista João Crisostomo Milicio a quem deram o premio de consolação do titulo de Visconde! D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo, o eximio literato das *Auroras da Instrução, do Marechal Duque de Saldanha.* Do mavioso poeta Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, o discipulo amado de Castilho. De José Barbosa Leão, o da ortografia sonica, que o preocupava tanto ou mais do que a sua clinica medica. Do Vieira da Silva o grande apostolo da associação em Portugal. De Antonio Rodrigues Sampaio, o jornalista revolucionario da patoleia, e por ahí fóra, por muitas paginas, Brito Aranha vae deixando como que suas memorias, porque vae narrando casos que se passaram entre elle e esses homens publicos, que de ha muito descansam na terra mãe.



ESCOLA PRIMARIA ALEXANDRE HERCULANO NA AZOIA

Esperamos que o autor não fique por aqui, e vá recolhendo em volume o mais que tiver disperso, de tão bom sabor português, tão nosso, quanto é d'esta familia portugueza, da qual parece já não haver quem escreva.

Latina — *Revue mensuelle pour la propagande des peuples latins.* Director, Visconde de Faria, redator em chefe Xavier de Carvalho. — Paris. — Segundo anno, n.ºs 12 e 13, dos meses de junho e julho.

Alem dos retratos de Luzzatti, presidente do conselho de ministros da Italia e do dr. Teofilo Braga, com que respetivamente abrem este numero, publica retratos do conde de Monsaraz, visconde de Sanches de Frias, D. Isabel Ponte, etc., com varios artigos interessantes.

Boletim das Escolas Moveis pelo methodo de João de Deus. — *Bibliotecas ambulantes e Jardins-Escolas - A Instrução do Povo.* — IV anno, 2.^a serie, n.º 5, janeiro a junho de 1910. — Imprensa Nacional. Este boletim publica uma carta de Coelho de Carvalho, dirigida ao dr. João de Deus Ramos, sobre *Prosodia e Orthografia. Donativos importantes. Contas de receita e despesa e mapa do movimento das missões nos mezes de dezembro de 1909 a maio de 1910. Acta de sessões, etc.*

Este boletim termina agora a sua publicação,

sendo substituído por um outro que aparecerá em outubro, restrito aos fins da Associação, constituindo um elemento de informação certa, circunstanciada e comentada dos serviços das *Escolas Moveis*, bibliotecas populares ambulantes e leituras publicas e dos jardins-escolas.

O Arqueologo Português. — *Coleção illustrada de materias e noticias publicada pelo Museu Etnologico Português.* — Vol. XIV, setembro a dezembro de 1909, n.ºs 9 a 12. — O sumario destes numeros é o seguinte: *A protohistoria em Portugal; Dê Conimbriga; Tapa de sepultura de epoca romana; A vila e conselho de Ferreira do Zezere; Dolmens da Boulhosa (Alto Minho); Memoria sobre o concelho de Sabugal; Um documento da historia de Bragança; As lagaretas de Castro de S. Miguel o Anjo em Azere; O castelo de Celorico de Basto; Abrigo sob rocha da Serra das Picotas; Das eleições dos officios de justiça no seculo XVI; Medalhas da Academia Real das Ciencias de Lisboa; Processo official do monumento prehistorico do Monte da Pena (Torres Vedras); Onomastico medieval português; Miscelanea.*

O simples enunciado das materias contidas nestes numeros do *Arqueologo Português*, basta para despertar o interesse de todos aquellos que se interessam por estes estudos historicos de trabalhosa investigação.

Passa um corcunda por um sujeito cego de um olho. Este por gracejo, diz-lhe: — Oh! tão cedo e já carregadinho! — Bem se vê que é cedo na sua casa, pois tem só uma janella aberta!...

Quem nenhum proveito soube tirar do seu infortunio, mereceu-o.

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar com **medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia. Secção especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ. Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**

Atelier Photo-Chimi-Graphico
P. MARINHO & C.^o

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis